

REVESTIMENTOS E CORES SEGUNDO O “DE ARCHITECTURA” DE VITRÚVIO

por

M. Justino Maciel*

Resumo: No contexto do trabalho do autor tendo em vista uma progressista tradução da obra do séc. I a. C. “De Architectura”, apresenta-se aqui uma leitura dos conteúdos do Livro VII deste Tratado, tendo em vista uma motivação maior por parte de arqueólogos, arquitectos, historiadores da arte, conservadores e restauradores para a importância dos textos vitruvianos, designadamente em interacção com os estudos de arqueometria.

Palavras-chave: Vitruvius; revestimentos; pintura.

O texto que aqui se apresenta introduz um ensaio de tradução portuguesa do Livro VII do *De Architectura* de Marco Vitruvius Polião (no prelo), no qual contactamos com a primeira sistematização das várias técnicas de decoração das superfícies arquitectónicas, questão que encontra eco nos restantes livros do tratado vitruviano.

Como sublinha o autor no Proémio a este Livro VII, muitos dos seus conhecimentos se ficaram devendo aos textos produzidos por uma plêiade de escritores gregos e romanos, teóricos que versaram sobre história da arte, óptica, perspectiva, proporções arquitectónicas, embelezamento e decoração. A ornamentação com mármore associada à *excelência e sábias disposições* dos templos levavam, ainda segundo o Proémio, *a uma maior aceitação perante os deuses* (Pr. 16). Esta utilização dos mármore, primeiro nas esculturas e nos templos e, depois, nos revestimentos segundo as técnicas dos *opera sectilia*, foi, em grande parte, responsável pelo desenvolvimento da pintura e do mosaico na época romana, uma vez que, como se sabe, o primeiro estilo pompeiano nasce intimamente ligado à imitação das *crustae* marmóreas e a decoração em mosaico, por sua vez, anda ligada intimamente à pintura. Aliás, é esta a sequência lógica deste Livro VII, que começa por falar da simples *runderatio*, ou primeiro reboco de revestimento, até à *expositio*, a superfície final polida ou acabamento. Este polimento final era conseguido com pó de mármore, com *crustae* marmóreas ou *tessellae*

* Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Texto apresentado no Instituto Tecnológico Nuclear, em 03 de Março de 1999, na Sessão de Homenagem ao Prof. Doutor João Peixoto Cabral, por ocasião da sua Jubilação.

igualmente polidas, ou ainda com a aplicação de pigmentos, de preferência com o *mortarium* ainda fresco.

Em interacção com os *opera* estruturais de construção – basicamente o *opus quadratum*, o *opus caementicium*, o *opus latericium / testaceum*, o *opus intestinum* e *opus craticium* – a estratigrafia de um revestimento é, segundo Vitruvius, na horizontal e de baixo para cima, a seguinte: uma primeira camada *constituída por pedra suficientemente grossa para encher a palma da mão* (1,3), o *statumen*. Sobre este estendia-se uma segunda camada, o *rudus*. Este podia ser novo ou reutilizado. No primeiro caso, um quarto da sua constituição deveria ser de cal. Os restantes três quartos, de outros materiais, que aqui se entendem por pequenas pedras, gravilha, areia e restos cerâmicos. No segundo caso, cinco sétimos de cal e dois de materiais provenientes de escombros e restos de construções (1,3). Sobre este *rudus*, que era batido intensamente de modo a ficar compacto e com a espessura de cerca três quartos de um pé, era aplicada a terceira camada, o *nucleus* que, como o termo indica, era o estrato mais duro e mais denso. O *nucleus* era constituído por uma parte de cal e três de *testa*, ou seja, de cerâmica moída ou esmagada, com uma espessura de, pelo menos, seis dedos. Era sobre esta terceira camada que se dispunha o *opus sectile*, o *opus tessellatum* ou o *opus spicatum*, uniformizados com o auxílio de régua (*regulae*) e de níveis de água (*libellae*). Isto em pavimentos cobertos. Se se destinavam a terraços ao ar livre, Vitruvius recomenda um reforço dos materiais, que deveriam ser untados, uma vez por ano e antes do inverno, com borras de azeite (1,6). Os revestimentos verticais e dos tectos obedeciam, por sua vez, às técnicas gerais dos *opera albaria* e *tectoria* (2,1). A primeira questão que se punha era a de uma correcta produção da cal, desde a cozedura em forno até a uma uniforme e prolongada maceração que garantisse a estabilidade futura dos estuques e pigmentos neles aplicados. Depois, uma perfeita modelação dos *lacunaria* ou caixotões dos tectos (3,2), revestidos com areia, greda, pó de mármore e mesmo gesso, sempre com o auxílio da *regula* (régua), da *linea* (cordel), do *perpendicularum* (fio de prumo) e da *norma* (esquadro). Para além de um primeiro alisamento com a colher de trolha, o ideal recomendado por Vitruvius era de seis camadas, três com predominância de areia e outras três com pó de mármore. Todavia, verifica-se arqueologicamente que, nos edifícios comuns, eram apenas usadas três: o reboco, com uma espessura de cerca de cinco centímetros, um revestimento de cal e areia, com cerca de três centímetros e outra de pó de mármore, extremamente fina. Só então tinha lugar a aplicação das cores, de preferência a fresco, técnica que o autor do *De Architectura* tão bem descreve e justifica (3,7-8).

No que respeita aos pigmentos utilizados, o tratado dá pormenores dos locais onde eram produzidos, condições de exploração, transporte e comércio. Distinguem-se as cores naturais das artificiais. No que respeita às primeiras, começa por referir os ocres, como o sil, de cor amarela, que é uma mistura de silício, alumínio, magnésio, cálcio e hidróxido de ferro, e o ocre vermelho ou *terra rubrica*, uma argila rica em óxido de ferro. O auripigmento era um sulfureto de arsénio de cor amarela explorado as minas de ouro, prata e cobre e que, por isso, como o nome indica, se pensava provir do ouro. De cor vermelha alaranjada era a sandaraca natural, bissulfureto também de arsénio, o rosalgar. Utilizava-se também a sandaraca artificial ou vermelhão, a partir do óxido salino de chumbo. O cinábrio natural, de cor vermelha, a que Vitruvius chama *minium*, era um dos mais importantes pigmentos utilizados na Antiguidade, designadamente explorado, segundo ele, na *Hispania*, sabemos hoje que em Almaden, na Serra Morena. O cinábrio era falsificado

frequentemente através da mistura com cal. Vitrúvio indica o processo de reconhecer a sua pureza ou viciação. De cor verde era a crisocola, que à letra significa, em grego, suor de ouro. Era um hidrocarbonato de cobre explorado próximo das minas ou *metalla*. O verde era também conseguido a partir de uma greda rica em minerais dessa cor, como a clorite e a celadonite, greda essa conhecida por terra verde. De pigmentos brancos cita um carbonato de cálcio chamado paretónio e um silicato de alumínio ou caulinite conhecido por melino, por ser originariamente explorado na ilha de Melos, nas Cíclades. Como pigmento de cor azul, era utilizada a azurite, então conhecida por *armenium*, por ser explorada, em grande parte, na Arménia.

Enumeram-se em seguida, no *De Architectura*, as cores que Vitrúvio considera artificiais, obtidas por transformação de produtos de origem mineral, vegetal e animal. O indigo, de cor azul, assim nomeado por ser obtido de uma planta da Índia, e o *atramentum* ou negro, produzido a partir de carvão vegetal ou de fuligem, eram cores também conseguidas a partir de borras de vinho secas e cozidas em forno. Era utilizado igualmente o azul egípcio ou *caeruleum*, cujo fabrico Vitrúvio descreve em pormenor, citando mesmo o nome de um industrial que iniciou em Pozzuolli, com êxito, a sua produção. Por seu turno, a *usta*, obtida pela queima de ocre em forno, proporcionava a cor vermelho púrpura. Usava-se também a cerusa, carbonato natural de chumbo, de cor branca ou amarelada. E o *aerugo* ou verdete, hidrocarbonato formado à superfície do bronze ou do cobre. São ainda importantíssimas as referências à púrpura ou *ostrum*, obtida de moluscos marinhos, e a sua imitação a partir da raiz de ruiva-dos-tintureiros e de outras plantas possivelmente hospedeiras da cochonilha. Refere também que vários pigmentos eram obtidos a partir de flores e vegetais em geral, descrevendo os processos seguidos pelos *tectores* nesses casos, quando rareavam os produtos tradicionais.

A tratadística romana mais antiga que chegou aos nossos dias, que é a vitruviana, não esqueceu, como verificamos, esta questão tão importante dos acabamentos das obras arquitectónicas, tendo presentes as tradições mediterrânicas, designadamente a egípcia, a grega e a helenística e os conhecimentos veiculados por obras como o *De Lapidibus* de Teofrasto ou o *De Coloribus* do Pseudo-Aristóteles. Por isso a transmitiu e enriqueceu, motivando também autores posteriores como Plínio-o-Antigo e outros tratadistas clássicos e da Antiguidade Tardia.

Um das partes da *Arquitectura*, segundo Vitrúvio, é o *decor*, ou seja, a conveniência (I,2,5). Não é por acaso que, etimologicamente, a palavra decoração significa *aquilo que convém*, neste caso o ornato ou a ornamentação adequada a cada situação arquitectónica. É porque o *decor* aconselha e recomenda que a arte deve ser uma imitação da natureza (VII, 5,1-2) que Vitrúvio chega mesmo a fazer juízos de valor sobre as novas tendências que, no seu tempo, anunciavam aquilo que hoje classificamos de terceiro estilo pompeiano (5,3-4). Ou seja, ao tratar de *Arquitectura*, Vitrúvio faz História da Arte, sobretudo nos Prefácios, e perante o gosto construído pela sua própria experiência, tenta a Crítica da Arte. No entanto, como propusera como ideal na formação do arquitecto (I, 1,1-18), todas as ciências iluminam o acto arquitectónico e aqui, designadamente, a economia, a geografia, a mineralogia e a química.

BREVE BIBLIOGRAFIA

- S. AUGUSTI (1967) – *I colori pompeiani*, Roma.
- J. M. P. CABRAL (1997) – *História breve dos pigmentos*, in *Química*, 66, 17-24.
- F. GRANGER (ed.), *Vitruvius, On Architecture*, London, The Loeb Classical Library, London, 1931 (reimp. 1970).
- B. LIU, M. ZUINGHEDAU ET M.-TH. CAM, (1995) – *Vitruve, De L'Architecture, Livre VII*, Paris, Les Belles Lettres.
- M. J. MACIEL (1995) – Os “Prooemia” vitruvianos, in *Estudos de Arte e História, Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*, Lisboa, pp. 345-371.
- M. J. MACIEL (1996) – O Livro quinto do “De Architectura” de Vitruvius, in *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Lisboa, pp. 285-329.
- M. J. MACIEL (no prelo) – *O Livro sétimo do “De Architectura” de Vitruvius*.